



Director literario:

Arquibaldo
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Arquibaldo
PAPUSSE

Nova partida de "Tic-Tac"



O «Tic-Tac», de balde, tentára, por vezes várias, chapinhar no rico balde do «Ti'Zé das Luminárias».



Mas vendo este casmurro, resolveu, p'ra se vingar, fazer cócegas no burro, a fim d'êlo o escoicear.



Fiugindo dormir, então, foi colocar-se a distância, até que o burro, com ânsia, deu sinal de comichão.



«Ti'Zé», vendo-o a dormir, foi-se a êle; mas, todavia, apanhou tamanho coice, que viu estrelas ao meio-dia!



Liberdade!

Por HENRIQUE S. C. ZARCO

: Desenhos de TIO-TONIO :



ANTONINHO era uma destas crianças que não atendem a cousa alguma que seja útil e boa.

Os concelhos das pessoas ponderadas e velhas, entravam-lhe por um ouvido e saíam-lhe pelo outro.

Ensinamentos moralistas eram o mesmo que estar a dizer-lhe para fazer completamente o contrário.

Seus pais, ralavam-se imenso mas nada conseguiam. Inter-

naram-no num colégio, onde fez tantas maldades que o director mandou dizer aos pais de Toninho para o irem buscar, visto não poderem atura-lo de maneira alguma.

Regressou ao lar paterno e continuou na sua vida de incorrigível traquina. Fazer mal era a sua divisa e estragar tudo era o seu melhor divertimento.

Dir-se-ia que tinha o demónio no corpo o endiabrado rapaz, arrelia constante de sua família e quebra cabeças, todos os dias, dos pobres criados que só por respeito, não o tinham já zurzido, muito bem zurzido.

A causa principal e única, se pode dizer, de Antoninho faltar ao respeito a todos, provinha de muito mimo recebido de sua avó, que só via o menino e o que o menino desejava.

Enquanto viva, nunca consentiu que o Toninho levasse uma palmada sequer, dos pais, muito embora, a falta cometida fôsse para mais.

Fazia-lhe todas as vontadinhas e dava-lhe os *amens* quando o reprendiam por qualquer maldade que praticara.

Antoninho, que sentia a parte forte por seu lado, fazia-se a ólho.

Seus pais viviam numa arrelia medonha. Causava-lhes imensa pena a maneira como o filho procedia para com todos.

Este mau menino tudo quanto desejava tinha de lhe ser imediatamente satisfeito.

Uma noite, em que corria uma aragem serêna e mórna, e no azul límpido da abóbada celeste brilhavam muitas estrelas, apeteceu-lhe estar na varanda, admirando aquela marayilha.

Estava embevecido, prêso a tamanha belêsa, sem saber explicar o que o retinha naquele lugar. De espaços a espaços, voltava-se aqui e ali e além o ladrar dos cães. Nos campos,

que ficavam por baixo da varanda, os grilos cantavam... cantavam... Antoninho estava absorto, admirando, extasiado, tanta belêsa, tanta magnificência, que por completo o deslumbrava mas que, por mais esforços que fizesse, não era capaz de explicar.

Nisto, lá em baixo, no choupal, onde cantarolavam baixinho, blandissonamente, as águas mansas e cristalinas de um ribeiro, rompeu numa das suas ternas melodias, num dos seus arrebatadores hinos, um rouxinol.

Toninho despertado, duma maneira tão suave, daquele requebro, ergueu-se nos bicos dos pés e apurou o ouvido.

Que maravilhoso! Que sublime! Nunca sua alma se sentira tão bem e nunca tivera experimentado sensações tão belas.

Como explicar o que se passava?!

Quási de manhã, o rouxinol deixou de cantar, com grande mágua do nosso jóven traquino que, muito triste e muito pensativo, não foi capaz de pregar ólho no resto da noite.

Pensava em adquirir umas daquelas encantadoras ávezinhas, custasse o que custasse.

Mal se levantou, correu a participar aos pais qual o seu ardente desejo. Queria à viva força um rouxinol.

O pai, depois do menino muito chorar e bater o pé, ordenou aos criados que fizessem todos os possíveis para arranjar em um rouxinol.

Incumbidos de semelhante missão, mais difícil do que se nos afigura à primeira vista, todos se esforçaram por arranjar a avezinha desejada. Foi o Gaudêncio o felizardo que conseguiu apanhar no ninho, por meio de laço, um rouxinol.

Que alegria e prazer para o Antoninho, mas que tristeza para os filhos do pobre pássaro!...

Tinha, enfim, uma ave como a que, na noite anterior, falára à sua alma impiedosa e dura.

Nesse dia, levou toda a sua santa tarde admirando-a e à noite nem se deitou.

Foi-se pôr na varanda, esperando que o seu encantador rouxinol o deliciasse com alguma comovente ária. Mas, triste decepção: a ave nada mais fez que não fôsse, de tempos a tempos, dar uns longos e enternecedores pios, que eram suspiros de alma dorida e saudades imensas, em tão pouco tempo de captivo, dos campos, dos ribeiros, das árvores e do seu ninho onde, certamente, os filhinhos ainda implumes esperavam pela mãe, piando aflitivamente, ansiosamente.

Já manhã clara, o desconsolado menino dirigiu-se para o seu quarto, chorando, muito triste. A sua avezinha não havia cantado. Paciência. Estava resignado e alimentava a esperança de, na noite seguinte, ela cantar.

Porém, nem nessa noite nem em noite alguma, pois dir-se-ia que o rouxinol emudecera. Toninho estava desconfiado que não era rouxinol e sim outra qualquer ave.

Mas, por outro lado, o Gaudêncio não se enganára com toda a certeza. O pobre mentiro já nem ia à varanda. Passava muito tempo à janela do seu quarto mas a sua avezinha continuava muda.

Muitas vezes, depois de estar deitado, afigurava-se-lhe ouvir o trinado do rei das aves canóras e, dum salto, vinha pôr-se novamente à janela.

Mas nada, sempre o mesmo silêncio lúgubre e macabro, por vezes.

Uma noite em que as estrelas brilhavam muito e a lua parecia mais clara, Antoninho foi despertado do seu doce sono pelos trinados subtis dum rouxinol. Saiu, muito devagarinho, da cama, veio até à janela como de costume e viu que era a sua avezinha. Porém, este cantar era dolente, triste, lúgubre, metia dó e inspirava compaixão.

O pobre rouxinol, encarcerado naquela gaiola, tinha perdido o gosto por tudo, lembrando-se de seus filhinhos, e tecia, deste modo, um hino de saudade aos campos que deixára e de desespero ao seu captivo.

Maldizia, na sua encantadora voz, o homem, rei da Natureza.

Antoninho compreendeu tudo e, pé ante pé, veio até à varanda, abriu a gaiola, dando a liberdade ao seu prisioneiro, para poder ir novamente cantar, alegre e melodiosamente, lá em baixo, no choupal.

Havia três noutes que Toninho tinha pôsto em liberdade a sua avezinha. Como hábito que lhe ficára, foi pôr-se à janela para respirar um pouco de ar puro que vinha do campo.

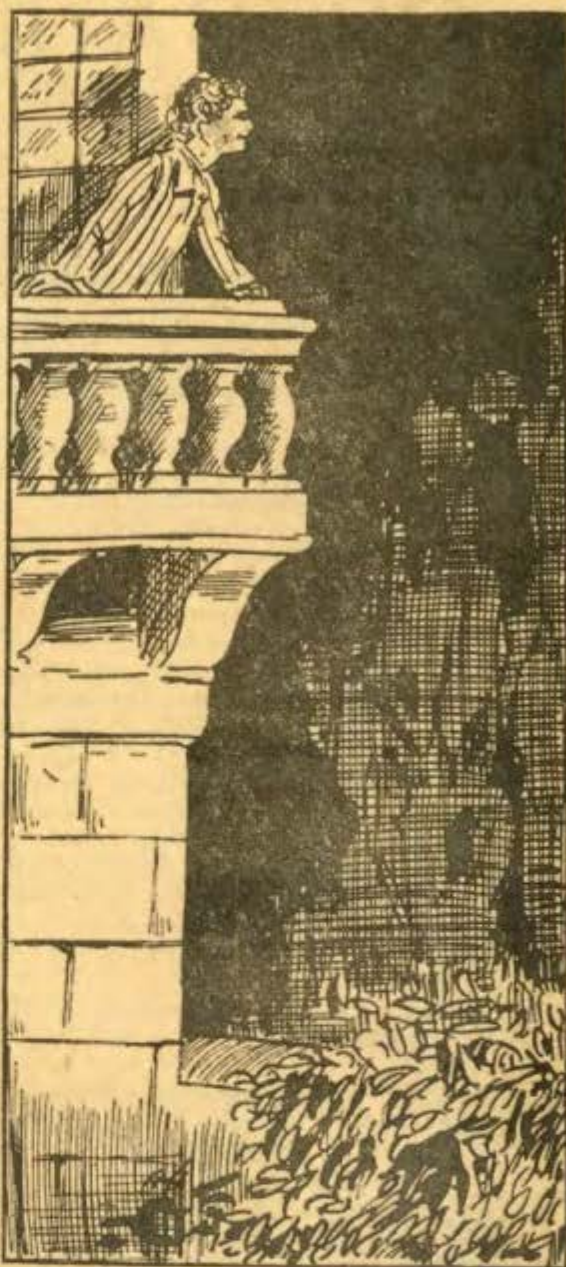
Por volta da madrugada, começou a ouvir o cantar melodioso, suave e inspirador dum rouxinol. Ficou petrificado, e absórto, de boca semi-aberta. Uma idéa repentina lhe veio à mente: seria o seu rouxinol?!

Correu à varanda para se certificar. E a avezinha lá estava cantando, empoleirada na gaiola. Vinha agradecer-lhe a liberdade concedida. Terminando o seu agradecimento voou para muito longe.

Antoninho, pela primeira vez, verteu lágrimas de arrependimento e remorso. Só agora compreendia que as aves, como todos os seres, amam a Liberdade e elas mais do que qualquer outro mortal nasceram para serem livres, para saírem os ares e para se embriagarem na volúpia fascinadora do vôo que é a expressão maxima da Liberdade.

Mais tarde vim a saber que Antoninho emendara-se e hoje é respeitado e querido por todos. Seus pais vivem agora muito contentes e o endiabrado Toninho doutros tempos, frequenta hoje os cursos superiores para amanhã ser um homem às direitas.

■ ■ F I M ■ ■



Enigmas pitorescos

Solução dos números anteriores

Um dia o jardineiro regava o jardim, Molhou o filho do patrão. O rapaz chamou o pai que deu duas pauladas no jardineiro que foi para a rua.

Antonio Calado

A palavras loucas orelhas moucas,

Gato por lebre.

Do mal o menos.

Mais vale um pássaro na mão que dois a voar.

Morenita

Solução de adivinhas de números anteriores

- 1.^a — Roma (Romã).
- 2.^a — Sofia (Cap. Bulgaria).
- 3.^a — Lima (Cap. Peru).
- 4.^a — Tomar.
- 5.^a — Alcácer do Sal.
- 6.^a — Ovar.
- 7.^a — Vila Real.
- 8.^a — Fronteira.
- 9.^a — Rio Liz.
- 10.^a — Cobres.

1.^a, Mar de Cara; 2.^a, Mar do Arquipélago; 3.^a, Cabo da Nau; 4.^a, Granada; 5.^a, Leão.

OS BANDOLEIROS

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de A. CARDOSO LOPES

(Continuação do número anterior)

Qual não foi, porém, o seu espanto ao ver Rapina sentado à secretária.

Surpreendido, levando à conta de cinismo e audácia a sua atitude, Mário de Sousa, radiante, segurando Rapina por um braço, bradou com ar imperativo: — «está preso em nome da Lei».

Rapina limitou-se a sorrir com ar desdenhoso e irónico. Ao ouvir, contudo, o filho do ex-administrador dizer para os guardas perfilados: — «Levem este homem para a enxovia N.º 1», exclamou, por sua vez, a Mário de Sousa:

— «Retire-se imediatamente, se não quere que se volte o feitiço contra o feitiçeiro. O actual administrador deste concelho sou eu!»

E, estendendo o «Diário do Governo» sob os olhos pasmados de Mário, acrescentou com soberana altivez: — «Sou eu, o ex-bandoleiro Rapina, roubado em criança, pelos salteadores, a seu pai, Dr. Fernando Reis, a pessoa a quem se refere esta nomeação. Saia, se não quere que o prenda!»

— «Não reconheço num salteador autoridade alguma» — volveu, com azedume, Mário de Sousa, não admitindo a veracidade das afirmações de Rapina que para os guardas exclamava agora:

— «Prendam-o, por desrespeito à auctoridade».

E, imediatamente, atônito, boquiaberto, Mário de Sousa, empurrado por dois guardas, viu-se

entre as quatro paredes da enxovia onde quizera enclausurar Rapina.

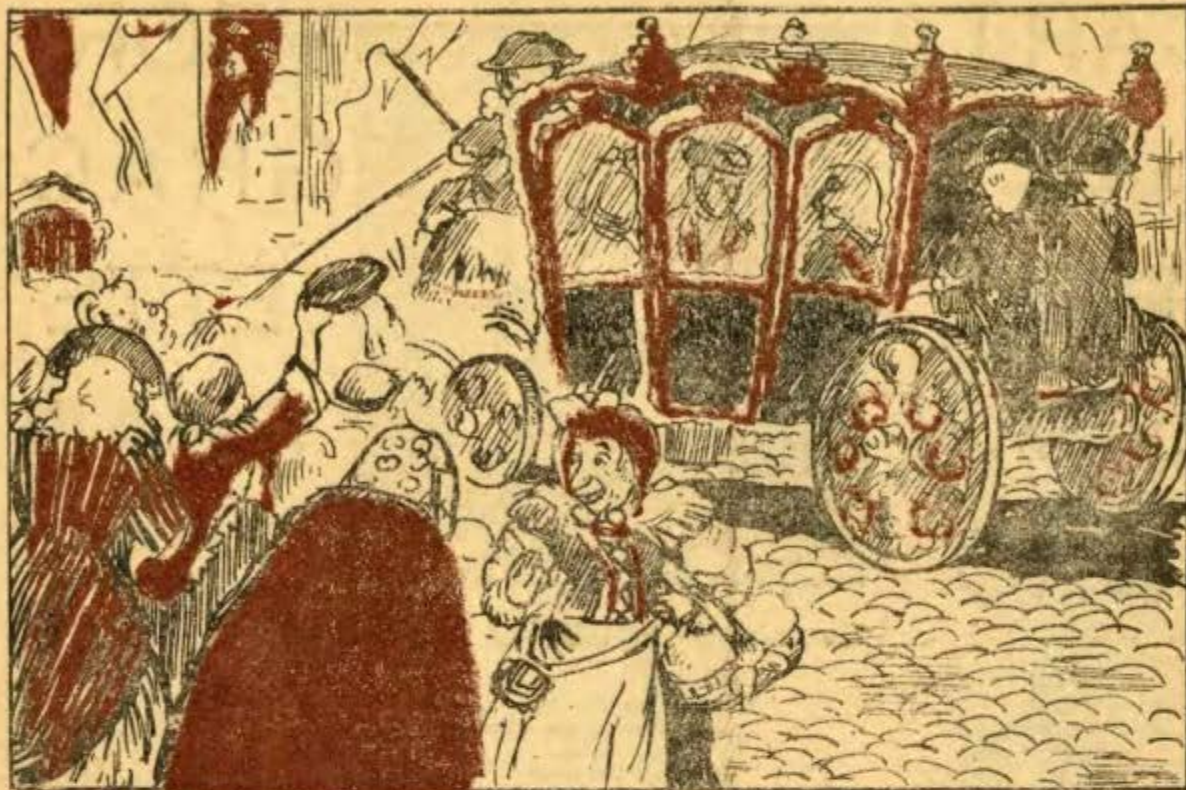
Na madrugada do dia seguinte, um pelotão da guarda nacional, e um numeroso grupo de populares armados de paus, forquilhas e foices, comandados por Rapina, na sua qualidade de administrador de concelho, bem armado e montado no seu fogoso corcel, partiam à desfilada, numa sensacional batida aos salteadores da Azambuja.

Ainda a Aurora não havia despontado, já o numeroso bando transpunha o denso pinheiral quando, súbitamente, soou um prolongado assobio, o tradicional alarme dum bandoleiro vigia, imediatamente alvejado a tiro por Rapina que o descobriu oculto na copa dum pinheiro, donde, por fim, tombou mortalmente ferido.

Ao súbito alarme e à detonação dos tiros, os bandoleiros, acampados à distancia de meio quilómetro, erguiam-se estremunhados, aguardando um novo assalto ou o momento azado para uma nova fuga.

Conhecedor da estratégica tática dos bandoleiros, Rapina ordenou ao numeroso grupo dos populares armados, que seguisse em perseguição





do bando enquanto este, à frente do pelotão, seguia diverso rumo, contornando o pinhal, em direcção do local por onde os bandoleiros costumavam fugir quando perseguidos.

Precisamente, como Rapina calculava, os bandoleiros, fugindo, precipitadamente, à avalanche da força popular, foram, de súbito, surpreendidos pelo pelotão da guarda, a cuja frente se via, altivo e corajoso, o antigo camarada, disparando às cegas. Vendo-se perdidos, cobardemente, levados por um natural instinto de conservação, os bandoleiros, arremessando as carabinas para o solo, ergueram os braços, no gesto de rendição e implorando clemência.

Escortados pela guarda e pelos populares que já se haviam reunido a ela, os bandoleiros, a pé, seguiam agora, cabisbaixos e intrigados pelo ar do comando do antigo camarada de assaltos, acujas ordens todos obedeciam, através do denso pinhal, caminho de Santa Iria.

Chegados à Administração ainda antes do meio dia, uma nova surpresa os aguardava: — a de encontrarem na enxovia onde os enclausuraram, Mário de Sousa, que os bandidos sabiam ser filho do administrador.

A chegada dos presos, que todo o povo da terra aguardava numa ansiedade imensa, uma enorme manifestação popular — (palmas, vivas, foguetes) coroou a audácia, a valentia e o zelo do novo administrador do concelho que tão honrosamente iniciara as funções do seu cargo.

Reinava em Santa Iria um geral regosijo. Apesar de tudo, Rapina não estava ainda plenamente satisfeito. A obra de saneamento a que se propusera não estava ainda completa. Faltava prender o «Mata e Esfolá» vingando, assim, a pobre bruxa

TiBenta e, principalmente, Milita que se não fora o providencial pombo correio teria já morrido à fome, abandonada pelo estalajadeiro.

Não descansando, pois um momento, assim que chegou à Administração, António Reis fez destacar para a cabana da velha bruxa dois guardas devidamente armados, fazendo seguir outros dois para o «Albergue dos Peregrinos» com ordem de não regressarem, sem que «Mata e Esfolá» aparecesse em qualquer dos locais.

Entretanto, Fernando Reis, tratando da dispensa dos banhos para a breve realização do casamento de seu filho com Milita, escrevia ao mesmo tempo para uma importante rouparia de Lisboa, encomendando, de combinação com Jorge de Moraes, o riquíssimo enxoval para os noivos, que, de braço dado, passavam horas de imensa felicidade, noivando sob as frondosas árvores da quinta de Jorge ou no formosíssimo parque do Solar de Fernando.

Após haver abandonado Milita, o «Mata e Esfolá» hospedou-se numa estalagem a duas léguas do «Albergue dos Peregrinos» e a légua e meia da choupana da bruxa. Ali se conservou oito dias até que, calculando que Milita já estaria prestes a morrer de fome, resolveu ir buscá-la, prevendo que, pelo seu resgate, inda poderia vir a receber uma boa maquia. Se bem o pensou, melhor pôs em prática a sua resolução. Com o que não contava, porém, fôra dar de cara, ao transportar a porta da choupana, com dois soldados da guarda nacional, em lugar de Milita.

CARTA
DE
BÉBÉ
GRAN
DÃO



Desenho de EDUARDO MALTA

POR
GRACI
ETTE
BRAN
CO

Ó Senhor Zé!

Ó dono
da loja dos papeis!
— (daquela, ali,
ao pé
da montra dos pastéis
e cabazes de figo...)

— Olhe: o menino
quere, falar consigo!
... Mas sabe quem eu sou?!

... Nat'ralmente não sabe!...
Sou um Senhor
grandão,
a quem o Pai comprou
um carrinho de mão
e um boi de papelão
com guizos ao pescoço...

— Inda não sabe?
Não?!

Um Senhor
de respeito,
que fala grosso,
assim:
— Ohm! Ohm! Ohm!
Ohm! Ohm! Ohm!
— que faz ó-ó
com a cabeça deitada
na almofada,
e não
pendurada

pró chão,
como os meninos tolos...
— que já não pinga o peito,
quando come!...
— Que não tem fome
só
ao pé dos bolos...
— Que não chora
nem já deita de fóra
a língua, assim:— Ahn! Ahn!...
— Que togo de manhã
reza, de mãos erguidas,
e a quem
também,
o Pai,
disse que breve vai
usar calças compridas!...

Ele!
O menino
fino!
O tal do pó-póziho...
Aquele
a quem
a Mãe
trata por Luizinho!...
.....

Pois sabe, meu Senhor,
o que o menino quere,?
— Quere

aprender
a ler
com Senhor Professor!
— Faz favor
de mandar
um livro pr'aprender
as contas de somar,
— (igual ao do Heitor
que eu trato já por tu...)
e um lápis, e também
um livrinho que tem...
o— A E I O U—...

Mas mande já, valeu?
Olhe que eu
tenno pressa!
Mande já! Mande já!
Veja lá
não se esqueça!...

A Mãe
paga depois,
e eu tenho já, também,
um vintem
e mais dois,
numa caixinha, ao pé
do cofre pequenino...
E adeus, ó Senhor Zé!
Beijinhos do Menino...
.....

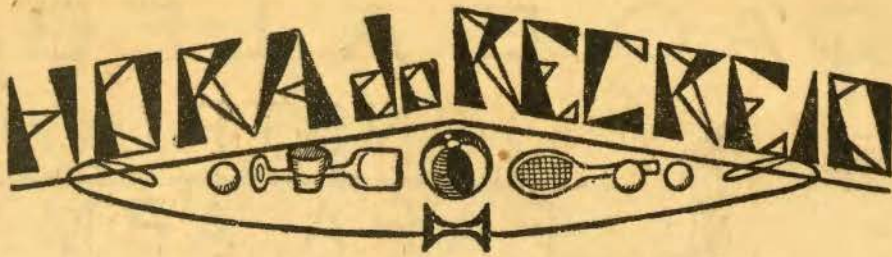
À voz de prisão «Mata e Esfola» inda tentou pôr-se em fuga, correndo para o seu velho macho que à distância de poucos metros deixara. Imediatamente apanhado, de nada lhe valeu a tentativa, pois, três quartos de hora passados, à porta da Administração, Rapina exclamava, irónicamente, ao velho estalajadeiro:

— «Ora ate que, emfim, nos tornamos a vêr!»
«Mata e Esfola», de olhos baixos, exclamou apenas:
— «De gente ingrata está o mundo cheto!...»
— «Está, está» retorquiu o actual administrador, acrescentando com certa mordacidade: — o

mundo e a cadeia! Como não vês, há muito, os teus camaradões do pinhal e calculando que estas mortinho de saudades, vou restituir-tos!»

Dizendo isto, Rapina ordenou que o metessem na enxovia onde já se encontravam os outros bandoleiros!

Um mês depois realisava-se, com grande pompa, o casamento de António Reis com Maria Emília de Moraes — Rapina e Milita — cujo amor nascera, em noite linda de luar, a meio dum pinhal e entre salteadores.



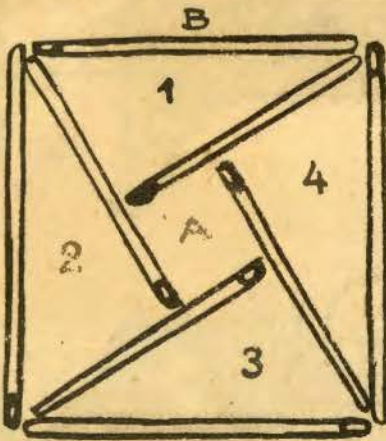
UM PROBLEMA

com paus de fósforos

Proponham a um vosso amigo que, com 8 paus de fósforos, unicamente, faça 2 quadrados e 4 triângulos. Não-de notar que aquilo que se lhes afigura muito simples é bastante difícil.

Pela gravura podem verificar os 4 triângulos numerados 1, 2, 3 e 4 e os dois quadrados A e B.

No próximo número mais engenhocas e problemas.



O cão e a lebre

Construção para armar

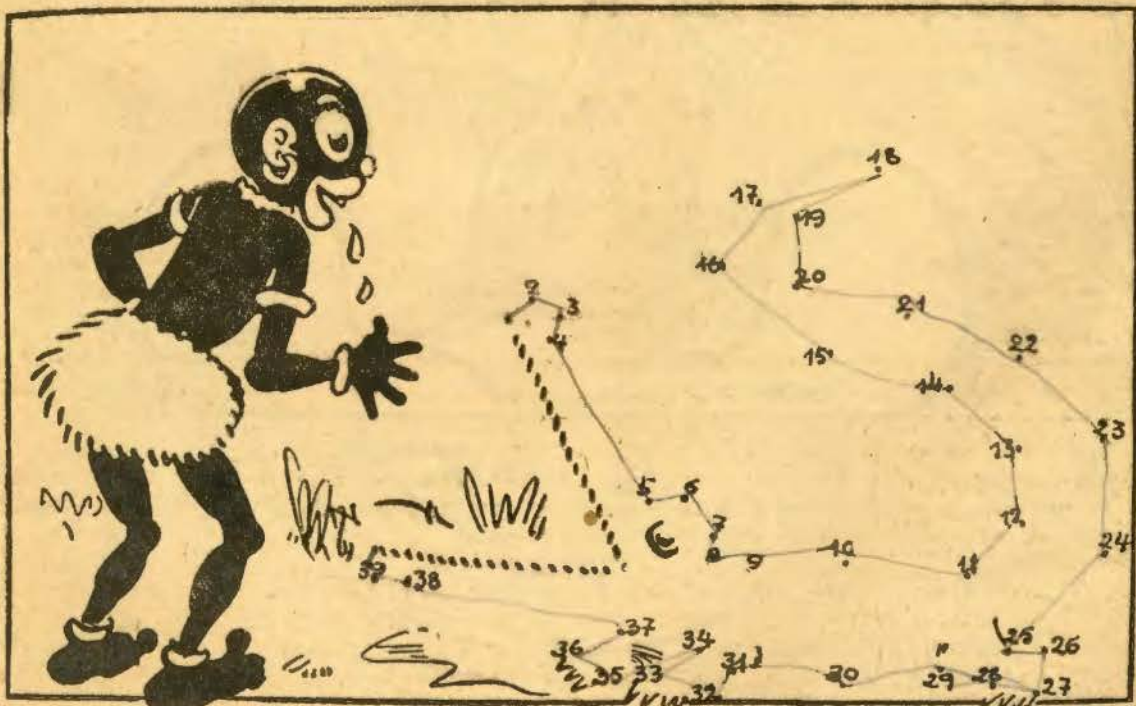
A construção de hoje representa uma caçada às lebres feita por Ferrabraz, cachorrinho de bom faro.

Como a lebre, porém, é ainda mais sagaz e ligeira do que Ferrabraz, nunca este consegue apanhá-la.

Se querem assistir à emocionante tentativa de caça, recortem a gravura desta página, colem-na em cartolina, fazendo, depois, atravessar um pauzinho pelos orifícios indicados, ao qual imprimirão um movimento rotativo, conforme mostra a gravura acima.

Verão, assim, a lebre e o cão, sucessivamente, aparecerem e desaparecerem, numa fuga e perseguição constantes.

Porque estará tão assustado este pretinho?!

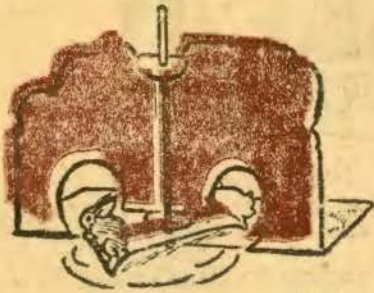


Unir os pontos por meio de traços

O CÃO E A LEBRE

CONSTRUÇÃO

PARA ARMAR



(VÊ-SE PÁGINA ANTERIOR)

Vista de costas

